



*Passava o dia inteiro a deambular pela enseada,
a trepar aos rochedos com o seu telescópio de latão.*



CAPÍTULO I

O VELHO LOBO DO MAR NA ESTALAGEM ALMIRANTE BENBOW

O fidalgo Sr. Trelawney, o Dr. Livesey e os outros cavalheiros pediram-me que registasse, preto no branco, todos os pormenores a respeito da Ilha do Tesouro, tudo de cabo a rabo, omitindo, porém, os elementos relativos à situação geográfica da ilha, porque permanece lá, ainda, uma parte do tesouro que ficou por desenterrar. Por isso, no ano da graça de 17..., peguei na pena e recuei no tempo até à altura em que, estando o meu pai à frente da estalagem Almirante Benbow, se foi instalar debaixo do nosso teto o velho marinheiro que, no rosto curtido pelo sol, ostentava a cicatriz duma sabrada.

Recordo, como se fosse ontem, a maneira como se arrastou, lenta e penosamente, para a porta da estalagem, seguido da arca de marinheiro, que vinha num carrinho de mão. Alto, forte, pesadão, pele acastanhada, o rabicho do cabelo negro e pegajoso caía-lhe nos ombros de um casaco azul porquíssimo. Tinha as mãos calosas e cheias de cicatrizes, as unhas pretas e rachadas. O gilvaz que lhe atravessava uma das faces era de um branco lívido e sujo. Lembro-me do modo como se pôs a observar a enseada em redor, e como, ao fazê-lo, assobiou para si mesmo. De súbito, irrompeu naquela velha canção do mar, que tantas vezes cantaria daí em diante:

*Quinze homens empilhados na mala do morto,
Yo-ho-ho, e uma garrafa de rum!*

A sua voz aguda e rachada de velho dir-se-ia ter sido afinada ao diapasão rangente das barras do cabrestante. Então, com um bordão que lhe servia de arrimo, bateu nervosamente à porta. Quando o meu pai apareceu, pediu, com maus modos, um copo de rum. Este foi-lhe trazido, ali mesmo. E, de pé, sorveu o seu conteúdo lentamente, como um conhecedor, atardando-se a saboreá-lo, enquanto olhava em redor de si, em direção aos rochedos e para a nossa tabuleta.

— Enseada jeitosa! — exclamou, por fim. — Taberna belamente situada! Muita clientela por aqui, ó camarada?

O meu pai disse-lhe que não. Que a clientela era muito pouca, o que era de lamentar.

— Então, tanto melhor! — retorquiu. — Eis o ninho que me serve! Vem cá, ó moço! — berrou para o homem que trouxera o carrinho de mão. — Vem cá acima descarregar a arca! Acho que me vou instalar aqui uma temporada — continuou. — Sou um tipo pouco exigente. Rum e ovos com presunto, é quanto me basta. Bom!, e ali também aquele miradouro, donde poderei ver os navios a passar ao largo... Como é que vocês me hão de chamar? Podem chamar-me Capitão! Ah!... Estou mesmo a ver o que é que vos preocupa!... Aí está!

E arremessou para a soleira da porta três ou quatro moedas de ouro.

— Quando tiver comido e bebido isso, avisem-me! — exclamou com a arrogância de um comandante.

Na verdade, embora as suas roupas metessem nojo, estava longe de parecer um vulgar tripulante, desses que labutam no convés. Parecia mais um imediato ou capitão, habituado a ser obedecido e a apavorar subordinados. O homem que transportara o carrinho de mão contou que a mala-posta deixara, da parte da manhã, aquele marinheiro em frente ao «Royal George», que ele perguntara quais eram as estalagens que havia ao longo da costa, e que, tendo ouvido as melhores referências da nossa, a qual, segundo suponho, lhe foi descrita como solitária, a preferira, entre todas, para lugar de residência. E isto foi tudo quanto pudemos saber a respeito do nosso hóspede.

Este era um fulano habitualmente calado. Passava o dia inteiro a deambular pela enseada, a trepar aos rochedos com o seu telescópio